

***O CAMPO E A CIDADE NA HISTÓRIA E NA LITERATURA (RAYMOND WILLIAMS) E UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO AO REGIONALISMO GAÚCHO***

***THE COUNTRY AND THE CITY, BY RAYMOND WILLIAMS, AND A POSSIBLE APPROXIMATION TO THE ‘GAÚCHO’ REGIONALISM***

Mariana Baierle Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** O escritor e crítico Raymond Williams (País de Gales, 1921-1988), na obra *O Campo e a Cidade na História e na Literatura (1973)*, percebe que ao longo dos séculos, na história da Inglaterra, são recorrentes os autores que remetem às suas próprias infâncias ou à geração de seus pais e avós como um período idílico e saudoso. Utilizando-se da metáfora da “escada rolante” -, que realiza um movimento constante de retorno ao passado, mas tendo como ponto de chegada o local de origem -, Williams questiona o “velho hábito” de supervalorização do passado, os “bons tempos de antigamente”, como pretexto para criticar o presente (Williams, 1989, p.25). Assim, cabe um paralelo com a história e a cultura do Rio Grande do Sul, em que autores como Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, também realizam uma tentativa de recuperar ou congelar a tradição gaúcha. Para pensar o mundo inglês da virada do século XVIII para o XIX, Williams apresenta suas memórias e sua experiência familiar, visto que nasceu em uma pequena aldeia no País de Gales, numa região rural, e depois vai para Londres e para a universidade. Apenas então, nessas circunstâncias, tem acesso às reflexões acerca da vida no campo e à literatura de cunho regional. Apesar do livro enfocar as transformações da história e da literatura na Grã-Bretanha ao longo dos séculos, tais reflexões, marcadamente de natureza marxista e crítica, podem ser trazidas para pensarmos a história literária e cultural do Rio Grande do Sul e o regionalismo gaúcho.

**Palavras-chave:** Raymond Williams. Literatura. Campo. Passado. Regionalismo.

**Abstract:** The writer and critic Raymond Williams (Wales (1921-1988), in the book *The Country and the City (1973)*, realizes that along the centuries, in England history, there are frequent authors who refer to their own childhood or to the generation of their parents and grandparents as an idyllic and homesick period. Using the metaphor of the “escalator” – which carries a steady return to the past, but having the place of origin as the point of arrival -, Williams questions the “old habit” of overvaluation of the past, the “good old days of yesteryear”, as an excuse to criticize the present (Williams, 1989, p. 25). So, it can be drawn a parallel with the history and culture of Rio Grande do Sul, taking authors like Barbosa Lessa and Paixão

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), bolsista CNPq. Email: [mariana.baierle@uol.com.br](mailto:mariana.baierle@uol.com.br).

Côrtes that also perform an attempt to recover or to ‘freeze’ the ‘gaúcho’ tradition. To think the English world at the turn of the XVIII to the XIX centuries, Williams presents his memories and his family experience, because he was born in a small village in Wales, in a rural area, and then he went to London and to the university. Only then, in these circumstances, he had access to the reflections about the life and the literature of regional features. Despite the fact that the book focuses on the transformations in the history and in the literature of Great Britain over the centuries, such reflections – highly Marxist and critical – can be brought to think about the literary and cultural history of the Brazilian state of Rio Grande do Sul and the ‘gaúcho’ regionalism.

**Keywords:** Raymond Williams. Literature. Country. Past. Regionalism.

## Introdução

A obra *O Campo e a Cidade na história e na literatura* (1973), de Raymond Williams (1921-1988), discute a literatura inglesa na passagem do século XVIII para XIX a partir do contexto histórico e social em que as produções literárias se situam. O autor não se detém, contudo, na análise do período em questão, ampliando sua análise aos primórdios de literatura inglesa, em um movimento constante de regresso ao passado. É o que ele chama de “escada rolante”, que leva ao passado, numa tentativa de um melhor entendimento do presente. A partir do conceito e da forma como o campo e a cidade são retratados ao longo da história literária inglesa, Williams fundamenta seu argumento e sua análise, perpassando o campo literário e adentrando em questões históricas e políticas dos momentos estudados.

Esse ensaio traça um panorama da obra *O Campo e a Cidade na história e na literatura*. Para tanto, não pretendo abordar todos os autores e períodos literários por Williams estudados. Busco apresentar os argumentos principais da obra em questão, destacando os aspectos que julgo eloquentes e pertinente à compreensão do contexto histórico e cultural da Inglaterra na passagem do século XVIII para o XIX – a chamada “ética do melhoramento”. Em um segundo momento, proponho uma possível aproximação da obra de Williams ao regionalismo gaúcho e ao processo de urbanização vivido no Rio Grande do Sul e na Argentina ao longo dos séculos – que, apesar da distância geográfica em alguns aspectos pode ser considerado semelhante ao processo apresentado na Inglaterra. Cabe destacar, porém, que não é objetivo desse ensaio aprofundar a análise no que diz respeito ao regionalismo gaúcho: busco discutir a produção de Williams, propondo relações e indicando possíveis caminhos de leitura que, por ventura, podem ser seguidos e aplicados em estudos posteriores.

No primeiro capítulo de *O Campo e a Cidade na história e na literatura*, Raymond Williams discute o conceito do termo inglês “country”, que, segundo seu texto, pode significar tanto “país” quanto “campo”. “The country” pode referir-se tanto a toda a sociedade quanto só a sua parte rural. “Na longa história das comunidades humanas, sempre esteve bem evidente esta ligação entre a terra da qual todos nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana. E uma dessas realizações é a cidade: a capital, a cidade grande, uma forma distinta de civilização” (Williams, 1989, p.11). O autor discute as associações feitas no imaginário coletivo quanto ao conceito de campo e de cidade.

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtude simples. A cidade associou-se à ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica (Ibid, p. 11).

Conforme o autor (Ibid, p.12), em toda a longa história das comunidades humanas, a Inglaterra foi a primeira a fixar conformações urbanas. Contudo, isso não significou a exclusão do campo no universo da literatura. “Mesmo depois de a sociedade tornar-se predominantemente urbana, a literatura, durante uma geração, continuou basicamente rural; e mesmo no século XX, numa terra urbana e industrializada, é extraordinário como ainda persistem formas de antigas ideias e experiências” (Ibid, p.12-13).

Williams justifica a temática da obra e seu interesse pelas transformações do universo rural e urbano, ao dividir com o leitor parte de sua vida e experiência pessoal, descrevendo suas memórias, em primeira pessoa e reafirmando as transformações sociais por ele próprio vivenciadas.

Para mim, a questão sempre foi pessoal, desde que me conheço por gente. (...) Numa Grã-Bretanha predominantemente urbana e industrializada, quis o acaso que eu nascesse numa aldeia remota, numa antiquíssima povoação do interior, na fronteira entre a Inglaterra e o País de Gales (Ibid, p.13).

Situando-se essa aldeia próxima a grande região produtora de carvão e aço do sul de Gales, ao pé das Black Mountains, ele escreve ora em primeira pessoa ora em terceira nesse primeiro capítulo da obra. Os demais capítulos são escritos em terceira pessoa, em tom ensaístico, mas fica evidente a experiência do autor na construção do livro como um todo.

Antes de ter lido qualquer descrição ou interpretação das mudanças e variações das comunidades e formas de vida, eu as vi concretamente, em ação, com uma clareza inesquecível. Meus estudos me levaram a uma outra cidade, construída ao redor de uma universidade, e desde então, vivendo, viajando e trabalhando, tive a oportunidade e a necessidade de visitar muitas cidades grandes (Ibid, p.13).

Delimitando o objetivo de traçar uma “abordagem de história social, literária e intelectual” (Ibid, p.13) sobre as transformações ocorridas no mundo inglês, Williams utiliza-se de uma linguagem um tanto poética em alguns momentos.

Para mim, a vida rural tem diversos significados. São os olmos, o cavalo branco que vejo no campo enquanto escrevo. São os homens na tarde de novembro, voltando para casa depois da poda, as mãos enfiadas nos bolsos dos casacos cáqui; e as mulheres de lenço na cabeça, paradas às portas das casas, esperando pelo ônibus azul que as levará para o campo, onde trabalharão na colheita durante o horário escolar (Ibid, p.13-14).

Observa-se uma nostalgia do passado vivido pelo escritor: “No final da trilha perto da casa de minha infância existe agora uma ampla rodovia, pela qual passam caminhões em alta velocidade” (Ibid, p.14). Williams conta que seu pai, aos 12 anos de idade, foi trabalhar em uma fazenda. Após, passou a trabalhar como cabineiro da estrada de ferro. Quando Raymond Williams nasceu, o pai era sinaleiro, na cabine do vale, que integrava uma rede que se estendia a Newport e Hereford, e, mais ao longe, Londres.

Ele [o pai de Raymond Williams], porém, continuava um aldeão, com seus jardins e suas abelhas, levando frutas e legumes ao mercado, de bicicleta – uma outra rede, da qual ele participava (...). Como seu pai, ele nascera para aquela terra, porém – como seu pai – não podia viver dela. Joseph, meu avô, foi lavrador até a meia-idade; então, perdeu o emprego e a casa, e foi trabalhar na estrada que ia para os Midlands e outras cidades, cortando galhos e limpando a pista (Ibid, p.15).

### **Uma aproximação com o regionalismo**

Apesar de toda a vivência rural, que carrega desde sua formação familiar, Williams comenta que foi apenas após entrar na universidade que veio a conhecer a representação da vida campestre, bem como as realizações literárias ligadas a ela.

Relembro agora, com ironia, que foi apenas depois de chegar à faculdade que conheci, através de gente citadina, dos acadêmicos, uma versão influente do que realmente representava a vida campestre. Vi também coisas correlatas, em livros eruditos e em obras escritas por homens que saíram de

escolas particulares para trabalhar numa fazenda, e por outros que foram criados em aldeias e agora são escritores do campo – todo um conjunto de livros, periódicos, notícias em jornais: a vida campestre. E me vejo fazendo a mesma pergunta, por causa da história: onde me situo em relação a esses escritores – num outro campo ou nesta cidade que dá valor às coisas? Trata-se de um problema difícil e irônico em sua persistência cultural (Ibid, p.17-18).

A partir desse trecho, pode ser traçada uma aproximação com o regionalismo constituído no Rio Grande do Sul e na Argentina no fim do século XIX. A obra *Martin Fierro* (Jose Hernandez), por exemplo, é escrita por um homem letrado, que incorpora a linguagem do gaúcho, homem do campo e não letrado. Notamos que a obra não é produzida por esse gaúcho do campo, mas pelo escritor dotado do domínio da escrita culta, instruído e urbano - que forja essa vivência. João Simões Lopes Neto, autor de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, tendo nascido em Pelotas (RS) e estudado no Rio de Janeiro, também tematiza a vida rural, a cultura oral e iletrada do homem do campo através de sua literatura. Williams, por sua vez, trata-se de um homem que nasceu no campo, mas sai desse espaço e vai para a universidade, inserida no mundo citadino e letrado. “Para a minha família, a universidade era algo de estrangeiro; fosse Cambridge ou Bolonha” (Ibid, p.18).

Williams, na Inglaterra, diferentemente de Hernandez, na Argentina, neste livro específico não escreve um poema narrativo (como é o caso de *Martin Fierro*), mas uma obra ensaística. Williams tampouco constrói personagens campestres para dar sustentação à obra. Ao invés disso, ele cita sua própria vivência (em um breve relato sobre a infância, família e locais em que viveu, enfocando o deslocamento do campo para a cidade) como forma de validar ou dar credibilidade ao livro.

A utilização de elementos da realidade à literatura não é recorrente apenas na obra de Williams, mas também em produções literárias brasileiras, conforme observa Lúcia Miguel Pereira (1950).

A haver, com efeito, uma constante na nossa literatura será a da predominância da observação sobre a invenção; pouco inclinados às abstrações, os nossos escritores, ainda os românticos, lidaram de preferência, mais ou menos fielmente, mais ou menos livremente, com a realidade. O seu poder criador precisou sempre, como célula-máter, das sugestões do meio (Pereira, 1950, p.175).

Dando um passo adiante na análise, as obras de caráter regionalista, produzidas tanto no Brasil quanto nas Américas, segundo a autora – e, nesse caso, podemos incluir Jose Hernandez, Simões Lopes Neto e outros -, diferenciam-se das demais obras ficcionais pela

busca da “fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia a fixação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora” (Ibid, p.175). Além disso, o regionalismo tem como “principal atributo o pitoresco, o que se convencionou chamar de cor local” (Ibid, p.175). Ou seja, trata-se de elementos da realidade concreta, da vida rural e dos hábitos das pessoas, que são incorporados à produção literária.

Cabe perceber com atenção, porém, que, mesmo situando-se no mundo rural, somente após deixar a vida campestre e inserir-se no ambiente urbano é que Williams conhece a literatura que tem como pano de fundo a vida no campo. É preciso estar na cidade, com acesso àquela cultura acadêmica e urbana, para se ter acesso às produções culturais que abordam o campo e a vida rural. Enquanto esteve inserido no campo, o escritor não teve acesso a tais reflexões literárias e culturais. Cita então o que escrevera Arthur Young, em 1791, sobre a Universidade de Cambridge:

Tomando a estrada que leva de Cambridge a St. Neot's, vêem-se seis ou sete milhas do que espero ser o que há de pior em matéria de lavoura na Grã-Bretanha. [...] Parece haver uma certa coincidência entre o estado da lavoura na proximidade dos venerandos pináculos de Cambridge e o fato de que a agricultura é totalmente ignorada nesta universidades (Young apud Williams, 1989, p.19).

Dessa forma, Williams, a partir da citação de Young, percebe um afastamento entre o mundo letrado e intelectual, representado pela universidade, e o mundo rural, representado pelas lavouras. As lavouras próximas à universidade são apontadas como “o que há de pior em matéria de lavoura na Grã-Bretanha”..Assim, a universidade não se interessa pelo estudo e desenvolvimento agricultura e do universo rural.

### **A “escada rolante” de retorno ao passado**

No segundo capítulo de *O Campo e a Cidade na história e na literatura*, o autor conta que certa vez recebeu de presente um livro (cujo nome não é citado) para resenhar. Era uma obra sobre o campo, o que, segundo o autor, deveria ser um tema que lhe desse prazer. Conforme essa obra: “Uma forma de vida que chegou a nós dos tempos de Virgílio subitamente extingue-se” (Williams, 1989, p.21). Dentro do mesmo volume, segue outro trecho que mereceu destaque na leitura de Williams: “Toda uma cultura que havia preservado sua continuidade desde a mais remota antiguidade havia agora recebido o golpe fatal” (Ibid,

p.21). Essas mudanças datavam de aproximadamente 50 anos anteriores à publicação de Williams, ou seja, no período da Primeira Guerra Mundial.

O autor retoma então uma série de importantes autores e obras da literatura inglesa, em ordem cronológica, a partir de seu presente, num retorno ao passado. A leitura proposta por Williams é representada por ele como uma “escada rolante” que entrava em movimento (Ibid, p.21), como uma metáfora do constante movimento de retorno ao passado, mas que traz de volta o sujeito ao presente. Desse modo, o autor percebe em diversos autores de diferentes períodos um saudosismo recorrente e uma nostalgia da infância.

Entre as obras e autores citados por Williams destacam-se: *Culture and environment*, de Leavis e Thompson, 1932; *Change in the village*, de George Sturt, 1911; romances de Thomas Hardy escritos entre 1871 e 1896; obras de Richard Jefferies, da década de 1870; Thomas Bewick (1753-1828) e William Cobbett (1763-1835); John Clare, em 1809; *The village*, de George Crabbe. 1783; *The deserted village*, de Oliver Goldsmith. 1769; em *The city madam* e *A new way to pay old debts*, de Philip Massinger, década de 1620.

Retornando constantemente no tempo, o autor afirma que se chega à Idade Média e então ao “Jardim do Éden”. “Mas primeiro devemos saltar da escada rolante e refletir, sobre o sentido geral de seu movimento” (Ibid, p.24). Nesta reflexão, Williams questiona o “velho hábito” de supervalorização do passado, os “bons tempos de antigamente”, como pretexto para criticar o presente (Ibid, p.25). Assim, segundo ele, todos esses autores têm elementos comuns (na retrospectiva e nostalgia do passado), mas possuem especificidades que precisam ser estudadas verticalmente.

Assim, Williams afirma que cada uma desses movimentos de retorno ao passado precisa ser entendido em suas especificidades históricas e contextuais. Para ele, é necessário realizar uma análise precisa de cada tipo de retrospectiva à medida que forem surgindo. “Veremos as sucessivas etapas da crítica fundamentada na retrospectiva: a religiosa, a humanística, a política, a cultural. Cada uma dessas etapas por si só merece uma análise” (Ibid, p.25).

Desse modo, o movimento constante reproduzido pela “escada rolante” que leva ao passado é o que Williams retoma ao longo de toda a obra. Cada capítulo do livro pode ser lido como um ensaio separado ou como, no contexto geral da obra, um desses movimentos constantes de retorno a um determinado momento histórico, com o objetivo de compreensão da Inglaterra na virada do século XVIII para XIX. Um desses períodos em questão dentro da obra é o que diz respeito à “ética do melhoramento”, situado no início do século XVIII, e

envolve o estudo de três autores – Henry Fielding, Samuel Richardson e Daniel Defoe. Trata-se um dos momentos fundamentais para entendimento do contexto histórico do mundo inglês na passagem do século XVIII para XIX.

### **O século XVIII e a ética do melhoramento**

Conforme a obra, no século XVIII, quase metade das terras cultivadas da Inglaterra pertenciam a cerca de cinco mil famílias. Além disso, quatrocentas dessas famílias, numa população de sete ou oito milhões de habitantes, eram donas de quase um quarto das terras cultivadas. Ou seja, uma pequena parcela da população detinha a propriedade da maior parte das terras e, conseqüentemente, do lucro e da renda por elas gerados.

Sob essa dominação não havia mais um campesinato, no sentido clássico do termo, e sim uma estrutura cada vez mais regular de arrendatários e trabalhadores assalariados: as relações sociais que podem ser consideradas próprias do capitalismo agrário. Cada vez mais, a produção era regulada através de um mercado organizado (Ibid, p.88).

A obra em questão é, portanto, uma crítica à concentração do poder, propriedade e do lucro nas mãos de poucos. O autor critica a separação entre campo e cidade. Para ele, a classificação em categorias reduz a totalidade a determinados padrões pré-estabelecidos, excluindo grande parte dos sujeitos ou da sociedade em questão. Esse pensamento é o que ele aplica ao questionar a separação entre campo e cidade como duas esferas opostas, como categorias pré-estabelecidas, em que entre ambos não pudessem haver organizações sociais intermediárias.

As implicações sociais do capitalismo agrário, diz Williams, são bem claras. Os proprietários de terras “viviam de cálculos de aluguéis e lucros sobre investimentos de capital, e era através de aluguéis extorsivos, anexações e cercamentos que aumentavam seu controle sobre a terra” (Ibid, p.88).

Conforme a obra, prosseguia, com todo o vigor, um processo iniciado no século XVI: as fazendas menores estavam sendo abolidas, especialmente as que se encontravam em terras aráveis melhoradas, e ao mesmo tempo a área de terra cultivada aumentava progressivamente, num ritmo acelerado. A concepção de propriedade da terra é alterada, e a ideologia do melhoramento sobrepõe-se no século XVIII.



A propriedade deixou de ser considerada uma herança que gerava uma determinada renda, passando a ser vista como uma oportunidade de investimento, que traria um lucro muito maior. Assim, uma ideologia do melhoramento - da transformação e organização da terra - tornou-se importante e dominante (Ibid, p.89).

A crise de valores que resultou dessas mudanças, nota o autor, é representada de formas variadas na literatura setecentista. O interesse pelo impacto das novas tendências sobre as pessoas fez com que o romance se tornasse a forma mais criativa da época. Nesse contexto, situam-se as obras *The History of Tom Jones* (1749), de Henry Fielding (1707-1754), *Clarissa: Or the History of a Young Lady* (1748), de Samuel Richardson (1689-1761), e *Robinson Crusoe* (1719), de Daniel Defoe (1680-1731) – obras aprofundadas em *O Campo e a Cidade* sobre a perspectiva da ética do melhoramento aqui exposta.

No Rio Grande do Sul, o advento do modo de produção capitalista, o cercamento dos campos, as novas tecnologias usadas na modernização da agricultura, o surgimento de novas raças na pecuária são elementos que engendraram esse “melhoramento” dentro da história e da literatura gaúcha. Embora não trate do mesmo cenário, Williams percebe tais mudanças e a influência que esses elementos trazem à cultura e à história social, de forma mais ampla.

### **A visão de Raymond Williams**

São apontadas pelo autor diferenças radicais nas ideias ou concepções relativas ao campo ao longo dos séculos. “A ideia de estabilidade, por exemplo, em oposição ao conceito de refúgio rural, que implica mobilidade” (Ibid, p.389). Um contraste “obvio” apontado é a oposição entre campo cultivado - representando o crescimento honesto - e a terra selvagem - intacta, com uma natureza isolada, em vez de cultivo.

Assim, são examinados na obra três períodos em que são particularmente comuns “lamentos campestres evocando explicitamente um passado mais feliz”. São eles: o final do século XVI e início do XVII; o final do século XVIII e início do XIX; o final do século XIX e início do XX. “E então fica bem claro que cada um desses períodos corresponde a uma época de mudanças excepcionais na economia rural, cujos reflexos diretos podemos ver de diversas formas” (Ibid, p.389). Cada um desses momentos, em suas particularidades, são analisados ao longo de *O Campo e a Cidade*.

Para Williams, (Ibid, p.390), sem dúvida, as ideias a respeito do campo e da cidade têm conteúdos e desenvolvimentos históricos específicos, mas, em momentos, elas

representam formas de isolamento e identificação de processos mais gerais. Nesse sentido, o autor justifica sua escolha pelo estudo da literatura inglesa, “que é talvez mais rica do que qualquer outra em termos da gama de temas referentes ao campo e à cidade” (Ibid, p.390).

Uma sociedade que atravessou um processo de desenvolvimento histórico - primeiro numa economia e numa comunidade rural, depois num contexto urbano - muito cedo e de modo muito completo; em última análise, é apenas uma história específica, mas ela tornou-se, sob alguns aspectos importantes, um modo de desenvolvimento dominante em muitas partes do mundo (Ibid, p.390-391)

Ou seja, o estudo da literatura inglesa pode contribuir com a compreensão da literatura de forma ampla, principalmente no que diz respeito às transformações verificadas na abordagem do campo e da cidade. Para o autor, a dominação da terra com fins lucrativos ocorre ao longo da história, seja através das companhias de petróleo e mineração, seja através dos proprietários de terras ou donos de fazendas coloniais.

O que as companhias de petróleo e de mineração fazem é o mesmo que faziam os proprietários de terras, o mesmo que faziam e fazem os donos de grandes fazendas coloniais. E muitos, seguindo seu exemplo, passaram a encarar a terra e suas propriedades como objetos de exploração com fins lucrativos (Ibid, p.392).

Dessa forma, a finalidade e a busca pelo lucro com que a terra é utilizada é a mesma em diferentes contextos, independente de sua vinculação com o universo urbano (companhias de mineração) ou com o rural (proprietários rurais). Cabe, assim, avaliarmos a relação de dominação entre o homem e a terra, verificada nos casos citados, em sua perspectiva histórica.

De acordo com o autor, em alguns momentos é mais necessário ver o tipo de contraste - entre formas de comunidades e formas de exploração do que ver a oposição mais convencional (entre desenvolvimento agrícola e desenvolvimento industrial). “Os efeitos sobre as comunidades humanas, bem como sobre formas de vida tradicionais e com peculiaridades locais, são em muitos casos bem semelhantes” (Ibid, p.392).

Citando as radicais transformações físicas ocasionadas pela Revolução Industrial, o autor afirma que se tornou fácil para o homem de seu tempo notar como foram profundas as alterações que a agricultura causou na terra. Refere efeitos ambientais causados à terra pela interferência humana - em alguns casos positivos e em outros, negativos. Em alguns locais a terra desenvolveu sua potencialidade, ficando mais fértil. Em outros casos a utilização

excessiva de um prado como pasto reduziu a terra a um deserto. E observa bem que “alguns desses efeitos são mais antigos que a ordem capitalista, porém o modo de produção capitalista continua a ser, em termos de história do mundo, o agente mais eficiente e poderoso de todos estes tipos de transformação física e social” (Ibid, p.392-393).

A cidade e o campo, para ele, são, portanto, apenas uma maneira de ver essa espécie de transformação. Williams traça uma distinção entre as técnicas de produção e o modo de produção. Segundo ele, acabamos reduzindo a condição humana à escolha irresolúvel entre um materialismo necessário e uma humanidade igualmente necessária.

Muitas vezes tentamos resolver o dilema estabelecendo uma divisão entre trabalho e lazer, ou sociedade e indivíduo, ou cidade e campo, não apenas mentalmente mas também em subúrbios e cidades planejadas, casas de campo e apartamentos na cidade, na distinção entre dias úteis e fins de semana (Ibid, p.393).

A mansão senhorial foi uma das primeiras formas em que esta solução temporária foi assumida na Inglaterra do século XIX. “É notável o grau em que este padrão tem sido fisicamente imitado, resultando até em casas de campo geminadas e modos de lazer de fim de semana” (Ibid, p.393). Nesse sentido, diz Williams, torna-se difícil em alguns momentos reconhecer o caráter específico do modo de produção capitalista – que, cabe lembrar, está inserido em um contexto mediado também por outros elementos próprios da subjetividade humana ou aquém das características capitalistas.

Assim, muitas vezes é difícil, diante desse processo contínuo que contém a substância de uma parte tão substancial de nossas vidas, reconhecer de modo adequado o caráter específico do modo capitalista de produção, o qual não consiste, na utilização de máquinas nem de técnicas de melhoramento, e sim no fato de que a propriedade de tais coisas está concentrada nas mãos de uma minoria (Ibid, p.393-394).

Ruralistas modernos, conservacionistas urbanos vêem "o Estado" e "o planejamento central" como seu principal inimigo, “embora seja evidente que o que o Estado está administrando e os planejadores estão servindo é um sistema econômico capitalista em todos os seus objetivos, procedimentos e critérios mais importantes” (Ibid, p.394).

Para o autor, o sistema rodoviário, as demolições de prédios decadentes, a substituição de bairros compostos de residências e pequenas lojas por grandes edifícios comerciais e supermercados, por exemplo, “podem aparecer sob a forma de um plano social, mas não se

conhece um caso em que as prioridades de um sistema capitalista não tenham sido consideradas desde o início” (Ibid, p.394). Por isso, as características da modernidade – utilização de máquinas, tecnologias, a industrialização – estão tão atreladas no imaginário humano ao capitalismo.

Contudo, esse modo de produção, como deixa claro Williams, caracteriza-se não pela utilização desses aparatos e técnicas, mas pela detenção de seu controle nas mãos de poucos. Na história social o desenvolvimento tecnológico ocorreu em simultaneidade à consolidação do imperialismo e do capitalismo, embora esse atrelamento não fosse imprescindível, nota o autor. As chamadas políticas regionais, para Williams, são tentativas de remediar as consequências das prioridades do sistema capitalista, e não de atuar de modo decisivo contra elas.

“A indiferença competitiva e a sensação de isolamento nas cidades grandes têm uma relação profunda com as formas de competição social e alienação” (Ibid, p.395), promovidas por este sistema capitalista. Wordsworth percebeu que, quando nos sentimos inseguros num mundo de pessoas aparentemente estranhas, procuramos no mundo que nos cerca imagens sociais, signos sociais, mensagens sociais, com as quais possamos nos identificar enquanto indivíduos, mas de modo a descobrir, de alguma forma, um senso comunitário (Ibid, p.395).

Nesse sentido, cabe uma aproximação com a história dos Centros de Tradições Gaúchas no Rio Grande do Sul, que, de alguma forma, também desenvolvem esse “senso comunitário” ao qual Williams se refere, na medida em que promovem a integração social dos participantes. João Carlos D’Ávila Paixão Côrtes (1927) e Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929 – 2002) são fundadores do movimento tradicionalista do Rio Grande do Sul. Juntos, partiram para a pesquisa de campo, viajando pelo interior, para recuperar traços da cultura do Estado. Em 1948, fundam o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, com o objetivo de divulgar as tradições e a cultura do Rio Grande do Sul, além do resgate e da preservação dos costumes, através da dança, da música, do churrasco, de esportes etc.

Paixão Côrtes é compositor, radialista e pesquisador, formado em Agronomia. Em 1992, a estátua do Laçador, do escultor Antônio Caringi, para a qual posou em 1954, foi escolhida como símbolo da cidade de Porto Alegre. Barbosa Lessa (1929 – 2002), com sua atividade intelectual intensa, foi escritor, músico, advogado e historiador. Ao mesmo tempo em que se dedicava à implantação do tradicionalismo, Lessa passou a pesquisar a música e a cultura regional. Em 1957, criou a popular toada *Negrinho do Pastoreio*.

Cabe, assim, a partir dos pressupostos de Williams, nos questionarmos se tais intelectuais do cetegismo gaúcho não possuíam em sua visão um certo ressentimento ou uma resistência quanto às transformações da sociedade contemporânea. E que ressentimento seria esse? Possivelmente Paixão Côrtes e Barbosa Lessa estariam buscando congelar a tradição gaúcha e protegê-la ou isolá-la dos “avanços” e ao “progressos” engendrados pelo capitalismo. Assim como Williams aponta em intelectuais ingleses, esse movimento de retorno e saudosismo do passado, protagonizado por Paixão Côrtes e Barbosa Lessa, revela, na verdade, uma negação do modo de produção capitalista, em que o poder e a renda estão concentrados nas mãos de poucos. Na tentativa de resgatar a tradição, os fundadores dos CTGs promovem, em última instância, a negação das transformações sociais típicas das sociedades capitalistas.

### **A segmentação entre campo e cidade**

De acordo com o autor, particularmente a partir da Revolução Industrial, mas já desde os primórdios do modo capitalista de produção agrícola, “as poderosas imagens que temos da cidade e do campo constituem maneiras de nos colocarmos diante de todo um desenvolvimento social” (Ibid, p.397). Para ele, a ideia de campo como algo que remete ao passado - à tradição, aos costumes humanos e naturais - e a ideia de cidade como algo que remete ao futuro - ao progresso, à modernização - nos leva a uma incongruência, pois não situamos o momento presente. Desse modo, a tensão entre passado e futuro é reveladora, pois indica o modo como nos situamos no presente.

É significativo que a imagem comum do campo seja agora uma imagem do passado, e a imagem comum da cidade, uma imagem do futuro. Se as isolarmos deste modo, fica faltando o presente. (...) Assim, num presente vivenciado enquanto tensão, usamos o contraste entre campo e cidade para ratificar uma divisão e um conflito de impulsos ainda não resolvidos, que talvez fosse melhor encarar em seus próprios termos (Ibid, p.397).

Tais pressupostos podem ser trazidos para pensarmos a realidade, aparentemente incongruente, de muitas cidades do Rio Grande do Sul ou de outras partes do mundo, em que – apesar do grande número de habitantes e da modernização tecnológica – persistem as formas de vida e espaços rurais. Ou ainda, para pensarmos os lugarejos e espaços rurais que, apesar de distantes fisicamente dos grandes centros, são muitas vezes dotados de avanços e facilidades às vezes não encontradas em cidades e espaços urbanos consolidados. Williams

percebe que são recorrentes os casos em que, na literatura, a ideia do campo está relacionada à lembrança da infância e à sensação da infância.

Em Wordsworth e Clare, bem como muitos outros escritores, esta estrutura de sentimento é expressa de modo poderoso, e já vimos de que modo ela frequentemente é em seguida convertida em ideias ilusórias do passado rural: temos aquelas sucessivas, sempre retrospectivas, ‘Inglaterra felizes da minha infância’ (Ibid, p.398).

Segundo o autor, já temos um número suficiente de histórias e memórias de infâncias urbanas para perceber este mesmo padrão. “A velha comunidade urbana proletária: o prazer das lojinhas de esquina, lampiões de gás, fiacres, bondes, quiosques, tudo isso - é a impressão que se tem - vem desaparecendo em gerações sucessivas” (Ibid, p.398). Não se quer negar nem denegrir esse sentimento, “e sim perceber o verdadeiro processo de mudança descrito nesses textos de memórias, à medida que descobrimos o processo comum a todos” (Ibid, p.398).

O que está em questão é um crescimento e uma alteração da consciência, um processo histórico repetido em muitas vidas e lugares. “Este processo se dá nas terras comunais e nas ruelas tranquilas, na aldeia ou no bairro” (Ibid, p.398). Segundo o livro, vivemos num mundo no qual o modo de produção e as relações sociais dominantes ensinam, inculcam e se propõem a normalizar, e mesmo a petrificar, modos de percepção e ação distanciados, separados e externos: modos de usar e consumir, em vez de aceitar e desfrutar.

“A estrutura de sentimento das memórias é, portanto, significativa e indispensável enquanto reação a esta deformação social” (Ibid, p.399). É necessário examinar, tanto no caso do campo quanto da cidade, “os processos sociais concretos de alienação, separação, exterioridade e abstração” (Ibid, p.399).

### **Considerações finais**

Retomando a narrativa em primeira pessoa no último capítulo do livro, Williams recorda: “No final dos anos 40 percebi que finalmente havia me separado da aldeia onde me criei” (Ibid, p.399). Corroborando com o ensaio até aqui apresentado, o autor coloca sua vivência ao encontro do conteúdo postulado ao longo da obra. “Também fui obrigado a olhar para a aldeia mais uma vez, estabelecendo uma certa tensão entre minhas lembranças de infância e a experiência adulta da geração de meu pai” (Ibid, p.400).

Ao citar os romances de sua autoria *Border Country* e *Second Generation*, Williams afirma: “A experiência utilizada nos romances transformou-se nas questões que coloquei à tradição” (Ibid, p.400). Conta que houve uma ocasião, enquanto escrevia *Border Country*, alguém lhe dissera que a experiência rural, o campo economicamente ativo, havia morrido; que na Grã-Bretanha ele não passava de algo marginal; e que com o tempo isto se tornaria uma realidade em todo o mundo.

Vejo agora que era um dos impulsos que constantemente me faziam voltar à literatura rural e à história do campo. E já não sei exatamente quando, de repente, me dei conta de que isto simplesmente não era verdade. (...) Quando por fim percebi que era falsa, concluí que devia procurar suas origens (Ibid, p.400-401).

E Williams aponta suas inquietudes e indagações: “Não seria óbvio que na Grã-Bretanha a agricultura tornou-se uma atividade marginal?” (Ibid, p.401). Ao analisar a questão percebe que: “A maioria das nações do mundo ainda era predominantemente rural, mas dentro da divisão do mundo estabelecida pelo imperialismo estes países não contavam; era como se não existissem” (Ibid, p.401). Mesmo dentro do modelo imperialista, porém, uma agricultura ativa, uma economia rural, teria forçosamente de persistir.

As realidades da crise de alimentos e de população vêm sendo ampla e corretamente divulgadas. Para que possamos sobreviver, teremos de desenvolver e ampliar a agricultura. (...) O trabalho agrícola deverá se tornar mais importante e central, e não menos (Ibid, p.401-402).

Um dos méritos de alguns escritores rurais, diz o autor, é a ênfase que dão à complexidade do meio ambiente natural (Ibid, p.402). Um excesso patológico de confiança nos poderes do industrialismo metropolitano nos levou a notar que a “ameaça à sobrevivência humana está se tornando evidente” (Ibid, p.402). E mesmo se sobrevivermos, “será claramente impossível continuar do modo como estamos” (Ibid, p.402).

Williams percebe que a destruição ambiental não é causada apenas pela indústria, mas também pela agricultura capitalista. “É importante ter em mente o grau de destruição do meio ambiente que foi e continua sendo causada pelo modo progressista de agricultura capitalista; não se trata de uma crise causada apenas pela indústria” (Ibid, p.402).

De acordo com o escritor, a medida que percebemos o meio ambiente como uma totalidade, “começamos a ver que todas as decisões importantes dizem respeito a modos de

interesse e controle social” (Ibid, p.402). Num claro posicionamento pessoal e engajado politicamente, Williams defende o combate e a destruição dos “poderes ativos do capital”.

Começamos a ver que os poderes ativos do capital, concentrado nas mãos de uma minoria, sob todas as suas formas possíveis, constituem nossos inimigos mais ativos, e que será necessário não apenas persuadi-los, mas sim derrotá-los e ultrapassá-los (Ibid, p. 403).

Retomando suas observações sobre a Inglaterra, afirma que a vida rural neste país costuma ser considerada algo do passado, e sem dúvida as mudanças são evidentes. “Mas, se comparamos a ideia com o campo real, vemos o quanto dele ainda está presente, mesmo nesta nação excepcionalmente industrializada e urbanizada” (Ibid, p.403).

Em sua conclusão, o autor diz que “o capitalismo, enquanto modo de produção, é o processo básico por trás da maior parte da história do campo e da cidade” e que “em suas manifestações finais, sob a forma de imperialismo, ele alterou o mundo” (Ibid, p.404). E garante: “Estou convicto de que a resistência ao capitalismo é a forma decisiva de defesa humaná necessária” (Ibid, p.404). Citando o Manifesto comunista, lembra que Marx e Engels afirmam que "a burguesia sujeitou o campo ao domínio das cidades [...] criou cidades enormes [...] fez com que países bárbaros e semibárbaros se tornassem dependentes dos civilizados".

No entanto, nesta denúncia estava implícito um outro conjunto de julgamentos de valor: a burguesia havia "salvado uma parte considerável da população da idiotice da vida rural"; as nações subjogadas eram "bárbaras e semibárbaras"; as potências dominantes eram "civilizadas" (Ibid, p.405).

Conforme postulou Engels, o socialismo viria "abolir o contraste entre cidade e campo, que foi levado ao grau extremo pela sociedade capitalista. Para Williams, “a Revolução Chinesa se afirmou como linha política a ser adotada” (Ibid, p.407). Segundo ele, entre os socialistas revolucionários ocidentais, a ideia foi retomada como reação à crise da civilização industrial e ao surgimento da noção de megalópole.

A divisão e oposição entre cidade e campo, indústria e agricultura, em suas formas modernas, representa a culminação crítica do processo de divisão e especialização do trabalho que, embora não tivesse início com o capitalismo, foi desenvolvido dentro do capitalismo a um grau extraordinário e transformador. Esta divisão fundamental se manifesta sob outras formas: a separação entre trabalho mental e trabalho braçal, entre administração e execução, entre política e vida social (Ibid, p.407).



Para o autor, boa parte do pensamento criativo de nossa época representa uma tentativa de reexaminar cada um desses conceitos e práticas. “Baseia-se na convicção de que o sistema que os gera e deles se compõe é intolerável e não sobreviverá” (Ibid, p.407). Em diversos casos, este pensamento inclui propostas de novas formas de processos decisórios, de educação, definições e práticas de trabalho, tipos de comunidades e de utilização da terra.

Desse modo, a obra identifica uma questão recorrente na história da literatura – a idealização e o saudosismo em relação ao passado e ao mundo rural. Williams realiza um debate das ideias e pressupostos em voga ao longo dos séculos, demonstrando empiricamente como e em que momentos a idealização do passado e da infância dos autores se faz presente.

A oposição entre campo e cidade torna-se um reflexo evidente da constituição capitalista do mundo. Apesar de situar sua análise e interpretação no universo inglês da virada do século XVIII para o XIX, os mesmos pressupostos podem ser transferidos para a interpretação do universo em que se insere a literatura no Rio Grande do Sul. O mesmo movimento de valorização do campo em detrimento da cidade - de retorno ao passado e negação da modernidade - acontece ao tomarmos como objeto de análise autores como Paixão Côrtes e Barbosa Lessa. Outros autores como Érico Veríssimo, Luiz Antônio de Assis Brasil e Charles Kiefer também trazem essas questões à tona e poderiam ser analisados sobre a ótica de Williams em futuros estudos.

## Referências

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Regionalismo**. In: Prosa de Ficção (de 1870 a 1920) – História da Literatura Brasileira. José Olympio. Rio de Janeiro, 1950.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. Trad. Paulo Henriques Britto. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.

**Texto recebido em 04/01/11.**

**Aprovado em 22/02/11.**